

Fotografias como estratégia metodológica: perscrutando formas de tratamento pronominais brasileiras, moçambicanas e angolanas

*Photographs as methodological strategies:
searching for Brazilian, Mozambican and Angolan addressing pronominal forms*

Recebido em 03 de maio de 2015. | Aprovado em 12 de junho de 2015.

DOI: <http://dx.doi.org/10.17074/lh.v1i1.180>

Sabrina Rodrigues Garcia Balsalobre¹

Resumo: Brasil, Moçambique e Angola compartilham da língua portuguesa. Entretanto, esse sistema linguístico é atualizado de modos particulares em função de cada um dos contextos nacionais e de suas idiossincrasias. Particularmente, essa situação é válida ao se observar os usos pronominais da língua portuguesa em suas variedades brasileira, angolana e moçambicana. Ao se considerar apenas situações de interlocução, o sistema dispõe de pronomes pessoais que contemplam recursos pragmáticos de cortesia, intimidade, polidez, distanciamento hierárquico etc. por meio de formas como *tu*, *você*, *o senhor/a senhora*, *vocês*, *os senhores/as senhoras*. Além dessas formas pronominais, ainda está disponível sistemicamente ao falante a ausência do pronome (ou forma zero), em que a marca pessoal é demonstrada pela desinência verbal. Para a realização dessa pesquisa comparativa entre as três variedades do português, algumas escolhas metodológicas foram decisivas. Em especial, fez-se imprescindível o resgate de uma metodologia utilizada por pesquisadores brasileiros nos anos 1980. Trata-se do emprego de fotografias como motivador para a realização das entrevistas com os informantes. A partir da seleção das imagens de perfis sociais, foi possível realizar as entrevistas com os informantes. A proposta feita aos entrevistados era que lhes seria indicada, para cada imagem, uma instrução específica contendo um pedido acerca de endereço, referência a uma pessoa, o preço de determinado produto etc. Tendo compreendido a instrução, o informante estabelecia um diálogo com a pessoa da fotografia – a maioria dos informantes compreendia prontamente a proposta da entrevista e produzia naturalmente diversas formas de tratamento. Em geral, há a possibilidade de se estabelecer algumas tendências no comportamento linguístico dos informantes de um mesmo país, corroborando com a assertiva de que o português brasileiro, o moçambicano e o angolano são variedades linguísticas autônomas.

Palavras-chave: sociolinguística; pragmática; metodologia; formas de tratamento; pronomes pessoais.

Abstract: Brazil, Mozambique and Angola share the Portuguese language. However, this linguistic system is updated in particular ways according to each national context and its idiosyncrasies. In particular, this situation is valid when observing the pronoun usage of the Portuguese language in its Brazilian, Angolan and Mozambican varieties. When considering only situations of dialogue, the system offers personal pronouns that include pragmatic resource courtesy, intimacy, politeness, hierarchical distance etc. in ways as *you* and *Mr. / Mrs.*. In addition to these pronoun forms, it is still systemically available to the speaker the absence of the pronoun, in which the personal brand is demonstrated by the verbal ending. For the purposes of comparative research between the three varieties of Portuguese, some methodological choices were decisive. In particular, it became imperative to rescue a methodology used by Brazilian researchers in the 1980s. This is the use of photographs as a motivator for the interviews with informants. From the social profiles of the selected image, it was possible to conduct the interviews with informants. The proposal made to them was that they would be indicated, for each image, a specific statement containing a request about address, reference to a person, the particular product price etc. Having understood the instruction, the informant established a dialogue with the person of the picture – most informants readily understand the proposal of the interview and naturally produced various addressing forms. In

¹ Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP - Araraquara, Brasil. sabrinabalsalobre@yahoo.com.br

general, it is possible to establish some trends in the linguistic behavior of respondents from the same country, supporting the assertion that the Brazilian, Mozambican and Angolan Portuguese are autonomous linguistic varieties.

Keywords: sociolinguistics; pragmatics; methodology; addressing forms; personal pronouns.

Introdução

Aos estudiosos do sistema de formas de tratamento, um problema metodológico crucial se coloca: por meio de entrevistas sociolinguísticas, como obter os dados de fala necessários a fim de se estudar o fenômeno pretendido em sua complexidade e diversidade de formas possíveis disponibilizadas pelo sistema?

Quando se opta por estudar formas de tratamento por meio de textos escritos, é preciso mencionar que há ligeiramente mais facilidade em encontrar situações interlocutivas que favoreçam o aparecimento dos tratamentos – a depender do gênero textual privilegiado para análise –, como por exemplo, o trabalho com peças de teatro (LOPES; DUARTE, 2003), cartas pessoais (LOPES, 2005; 2009; MARCOTULIO, 2010), textos literários, documentos históricos (LOPES, 2006), textos jornalísticos (BALSALOBRE, 2010), entre outros.

No entanto, quando a intenção é a de se estudar dados de fala contemporânea, surge a dificuldade em se obter os dados desejados. Uma das vias de estudo possíveis é optar-se por analisar vídeos da televisão, ou veiculados pela *internet*, com programas de entrevistas. A vantagem desse método, por um lado, é a não interferência da subjetividade do pesquisador, haja vista que ele atuará apenas como um observador. Por outro lado, contudo, durante um programa de entrevista, as formas de tratamento se repetem e não são produzidas em abundância pelos interlocutores, uma vez que os papéis sociais e os níveis de formalidade tendem a permanecer estáveis durante o período da gravação.

Sendo assim, durante os anos 1980 alguns pesquisadores se propuseram a testar um método de pesquisa com formas de tratamento que se mostrou bastante eficaz: o uso de fotografias. Nessa vertente de estudos, dois trabalhos se destacam: o artigo de Maria Teresa dos Santos Abreu e José da Veiga Mercer, publicado em 1988, acerca do emprego do pronome zero na cidade de Curitiba e a dissertação de mestrado em Linguística, apresentada à UFRJ, no ano de 1981, por Sônia Mundim, que foi intitulada *Formas de tratamento e vocativos no Rio de Janeiro*.

Nesse sentido, com a preocupação de investigar as formas de tratamento das variedades brasileira, moçambicana e angolana contemporâneas, foi utilizado esse método de investigação que se propõe a estabelecer entrevistas com informantes a partir de fotografias. Dessa forma, esse artigo se propõe a revisitar o método utilizado nos anos 1980 e descrever as adaptações necessárias para que pudesse ser atualmente utilizado. Assim, além de brevemente apresentar as variedades da língua portuguesa em foco, os estudos que pioneiramente utilizaram o método das fotografias como instrumento de pesquisa linguística e a composição da amostra que se estabeleceu para esse estudo que ora se apresenta, é também foco desse artigo expor alguns resultados acerca das formas de tratamento pronominais em uma perspectiva comparativa dessas três variedades do português.

1. As variedades brasileira, moçambicana e angolana da língua portuguesa²

Recuando no tempo, a história do Brasil (país de proporções continentais situado na América do Sul e voltado ao Oceano Atlântico), de Angola (país africano também banhado pelo Atlântico) e de Moçambique (outro país africano, mas cujas águas são do Índico) encontra um denominador comum: o colonialismo português. Em função disso, os três países herdaram a língua portuguesa e alguns usos e costumes, mas mantiveram características peculiares que os tornam absolutamente ímpares.

Em termos numéricos, a população brasileira conta com um montante de 190.755.799 habitantes (segundo o censo 2010)³, a população moçambicana foi estimada em 23.049.621 (no ano de 2011)⁴ e a angolana 19.940.000

² É preciso enfatizar que, ao se referir à variedade brasileira da língua portuguesa, na realidade está se considerando a variedade da cidade de São Paulo onde as entrevistas foram realizadas. Da mesma forma, como variedade moçambicana está se considerando a variedade da cidade Maputo e, por sua vez, como variedade angolana a da cidade de Luanda. Maputo e Luanda são as capitais dos seus respectivos países, com grande influxo migratório. Assim sendo, as características dessas duas cidades são comparáveis com a cidade de São Paulo, uma vez que, apesar de ela não ser a capital do Brasil, é a cidade economicamente mais importante.

³ Censo Demográfico da população brasileira, realizado em 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

⁴ Dados do Instituto Nacional de Estatística de Moçambique (INE).

habitantes (dado do RSA, CEIC/UCAN⁵, 2012). Ao se considerar que, no caso brasileiro, a língua portuguesa é oficial e falada pela maior parte da população como língua materna e em situações tanto formais como informais; e que, para Moçambique e Angola, ela também possui representatividade nacional, sendo empregada por grande parcela da população em diferentes situações de fala – contudo, convivendo com outros grupos linguísticos –, é possível declarar que se trata de uma língua com diferentes representações simbólicas para essas nações.

No que se refere particularmente ao caso brasileiro, muito embora em todos os estados do Brasil seja possível estabelecer comunicação em português nas ruas, estabelecimentos comerciais, órgãos públicos etc., percebendo-se apenas uma variação dialetal, é necessário afirmar que esse país apresenta uma realidade plurilíngue, que conflui com sua diversidade e riqueza cultural. De acordo com informações de Savedra (2010), o Brasil possui cerca de 300 idiomas falados em seu território contemporaneamente. Desse total, a maior parte é praticada por comunidades indígenas, uma média de 30 línguas é falada por comunidades de descendentes de imigrantes, há também uma considerável população utente de Libras (Língua Brasileira de Sinais) e, por fim, há algumas línguas usadas por comunidades remanescentes de quilombos.

No caso dos países africanos, Firmino (2006) assevera que a língua portuguesa, ao passo que adquire novas relações socio-simbólicas, novos usos e funções – uma nova ideologia, portanto – inevitavelmente passa por um processo de ser cada vez menos encarada como um elemento intruso e exógeno, para ser visto como algo próprio, que expressa as necessidades e anseios locais. Esse fenômeno é denominado pelo autor como “processo de nativização”.

Assim, o português em Moçambique foi se tornando o principal meio de comunicação tanto em situações institucionais como em interações cotidianas nos centros urbanos, pelas ruas, mercados etc. Dessa forma, o número de falantes foi se ampliando e,

à medida que as pessoas usavam o português de diferentes maneiras, ele começou a transcender o seu papel de instrumento político e administrativo para se tornar um veículo de novos tipos de mensagens comunicativas e simbólicas relacionadas com a vitalidade da nova vida nacional de Moçambique. (FIRMINO, 2004, p. 352).

Paulatinamente, estabelece-se o cenário que ora se percebe em Moçambique quanto à língua portuguesa. Dias (2002) aponta a formação de três grupos principais: i) há falantes que a usam apenas como língua de contato, para fins comerciais e sociais; ii) há usuários bilíngues ou plurilíngues que se sentem obrigados a usar o português com mais frequência por conta da escola, do trabalho e de contatos sociais frequentes. Esses falantes podem passar a dominar perfeitamente a língua portuguesa ao longo da vida “ou podem parar em fases diferenciadas de aprendizagem da língua, mantendo em uso uma variedade de língua portuguesa ‘diferente’ (DIAS, 2002, p. 175); iii) e, finalmente, há um terceiro grupo que usa o português em seu dia-a-dia de uma forma mais europeizada. Esse cenário é representado pela autora como um ‘continuum linguístico’ “caracterizado por estágios de fluência que vão desde o monolinguismo na língua bantu, passando por oscilações na competência bilíngue, com etapas de dominância na língua bantu ou na língua portuguesa” (DIAS, 2002, p. 177).

Angola, por sua vez, apresenta um cenário linguístico com algumas semelhanças em relação a Moçambique, no sentido de que a língua portuguesa também divide espaço com línguas autóctones. Coadunando com Neto (2012, p. 43), “o português, é para os angolanos, simultaneamente uma língua materna, segunda e estrangeira”. Desde o processo de luta pela independência, a língua portuguesa era empregada por uma população de assimilados, especialmente em sua capital Luanda, e pelos líderes do MPLA (FONSECA, 2009). Desde então, o português foi se avolumando pelas localidades do país e adquirindo feições cada vez mais autênticas, pertencendo ao universo da música, literatura, burocracia, governança, comércio etc. Entretanto, ao contactar com as línguas locais, o português passou a adquirir características marcadas por valores socio-simbólicos, hierarquizando grupos e excluindo falantes não pertencentes à variedade de prestígio.

⁵ Relatório Social de Angola (RSA) realizado pelo Centro de Estudos e Investigação Científica da Universidade Católica de Angola (CEIC – UCAN) em 2012.

2. Estudos pregressos: fotografias como metodologia de pesquisa

Conforme antecipado, nos anos 1980, alguns pesquisadores dedicaram-se à utilização de fotografias como metodologia a fim de investigarem formas de tratamento. Dentre esses estudiosos, destaca-se a pesquisa realizada por Sônia Mundim, que aplicou a metodologia pioneiramente utilizada por Gisele Machline de Oliveira Silva (1974). Esse estudo consistiu em apresentar fotografias de pessoas a entrevistados e propor uma situação de fala em que aparecia a forma de tratamento em avaliação. Nesse trabalho de 1981, a autora relatou o percurso empregado para se obter os dados e realizar a análise, ou seja, foram entrevistados 75 informantes com idades entre 25 e 45 anos. Para cada um deles foram mostradas 11 fotografias do que a autora chamou de *alvos* – em outras palavras, tratava-se de fotos de pessoas que retratavam perfis de profissionais da sociedade carioca da época. A escolha das fotografias como metodologia de pesquisa foi assim justificada por Mundim (1981, p. 22):

Dada a impossibilidade de se organizar um *corpus* adequado sobre variação pronominal em termos de uso real, percebemos que o nosso estudo deveria voltar-se para a atitude linguística. Assim, a melhor forma de coletar os dados seria através de entrevistas e questionários que apresentassem uma mesma situação para todos os informantes (MUNDIM, 1981, p. 22).

Com esse instrumental de trabalho, a pesquisadora conseguiu obter uma homogeneidade em suas entrevistas, uma vez que todos os informantes se dirigiam aos mesmos alvos fotografados e, por isso, “teriam a mesma fonte visual motivadora para manifestarem suas expressões verbais” (MUNDIM, 1981, p. 22). Diante desse mesmo “dispositivo visual”, a observação se focava nos diferentes motivadores que levavam os informantes a elegerem diferentes formas de tratamento para esses alvos. Como mencionado, essas fotografias representavam profissionais da sociedade carioca da época, com diferentes *status* sociais, a saber:

- a) Vendedores que trabalham ao ar livre: camelô, feirante, vendedor de mate (da praia);
- b) Vendedores que trabalham em loja comercial: vendedor de meias, garçom;
- c) Autoridade reconhecida e estabelecida: guarda de trânsito;
- d) Profissional liberal: médico;
- e) Político: deputado;
- f) Executivo em geral: gerente de banco;
- g) Profissional técnico que está em contato com o povo: motorista de taxi;
- h) Autoridade relativa: porteiro (MUNDIM, 1981, p. 26).

Todas as fotografias precisavam caracterizar o alvo da melhor forma possível e em pleno exercício de suas funções, de maneira que o informante, ao olhar, imediatamente pudesse identificar esse alvo. Com essas imagens em mãos, a proposta que a pesquisadora fazia aos seus entrevistados era que eles estabelecessem pequenos diálogos com os alvos fotografados, simulando situações reais. Todavia, ela sempre explicitava que as pessoas das imagens não representavam ninguém de suas relações. Portanto, tratava-se de desconhecidos, cuja relação seria não íntima.

A partir da simulação desses diálogos pelos entrevistados, Mundim (1981) conseguia obter os dados das formas de tratamento nominais e pronominais com bastante naturalidade. Além disso, era também seu objetivo avaliar a correlação entre essas formas de tratamento e os vocativos pelos cariocas. Assim sendo, quando os vocativos não apareciam espontaneamente nos diálogos, a pesquisadora fornecia uma nova instrução: “induzíamos o informante a usá-lo, pedindo-lhe que imaginasse o alvo parado a certa distância, a ponto de não poder tocá-lo. Desta forma, surgia sempre uma expressão vocativa” (MUNDIM, 1981, p. 23).

Abreu e Mercer (1988), por sua vez, dedicaram-se ao estudo do pronome zero em Curitiba, estado do Paraná (Brasil). Nessa pesquisa, os autores entrevistaram 96 pessoas, apresentando-lhes 18 fotografias de personagens⁶. A grande diferença metodológica entre esse estudo e o de Mundim (1981) é que os pesquisadores optaram por não revelar aos informantes que se tratava de uma pesquisa linguística – eles diziam que a pesquisa havia sido encomendada por uma fábrica de cosméticos e realizavam as entrevistas em locais públicos, próximo a supermercados, pontos de ônibus e outras aglomerações de pessoas. O resultado por eles obtido foi o de um alto

⁶ Não há consenso entre os pesquisadores sobre como denominar as pessoas fotografadas: Mundim (1981) preferia o termo “alvo”; Abreu e Mercer (1988) utilizaram o termo “personagem”; e Balsalobre (2015) “perfil social”.

índice de pronome zero para estranhos, em contextos em que a forma esperada seria *senhor*, como apontam os resultados da tabela a seguir:

<i>o senhor</i>		<i>você</i>		<i>tratamento zero</i>	
%	N	%	N	%	N
20	345	30,9	530	49	839

Tabela 1. Uso geral das formas de tratamento (ABREU; MERCER, 1988, p. 24).

A partir desses resultados, os autores chegaram à conclusão de que, dentro do rol de tratamentos indicativos de segunda pessoa na cidade de Curitiba, não é possível apenas referir-se à dicotomia *você/o senhor*. “No quadro dos dados obtidos, o tratamento em Curitiba seria triádico: *senhor, você, pronome de tratamento-zero*” (ABREU; MERCER, 1988, p. 25).

3. Fotografias brasileiras, moçambicanas e angolanas

A partir dos estudos apontados, que utilizam fotografias como motivadoras para a produção de formas de tratamento, foi possível estabelecer o ponto de partida metodológico para a realização do presente estudo⁷. Assim sendo, o primeiro passo para a investigação empírica ocorreu com a seleção das fotografias. Diferentemente dos pesquisadores que se dedicaram a esse tipo de método anteriormente, optou-se por empregar imagens disponibilizadas na *internet*, uma vez que elas já contavam com um estatuto de publicização⁸.

Os perfis sociais foram delineados a partir do cruzamento de algumas características, tais como a profissão – fator proveniente dos trabalhos precursores de Mundim (1981) e Abreu e Mercer (1988) –, idade, religião e características fenotípicas (como a cor da pele, por exemplo). A justificativa para a ampliação dos fatores componentes dos perfis sociais – transcendendo a questão da profissão – se pauta no fato de que outras dinâmicas sociais estão nos objetivos fundamentais desse trabalho. Dessa forma, houve a necessidade de ampliar o conjunto de fotografias a fim de melhor caracterizar a sociedade brasileira, moçambicana e angolana: estabeleceu-se o montante de vinte imagens para cada país.

Para o caso brasileiro, foi possível selecionar as imagens a partir da vivência de “natural do Brasil” da própria pesquisadora. Entretanto, para Angola e Moçambique fez-se necessária uma fase anterior às entrevistas propriamente ditas, em que se conversou com pessoas naturais desses países a fim de angariar os perfis sociais mais importantes para aqueles cenários específicos. Foi, portanto, a partir das diversas opiniões ouvidas e comparadas que foi possível dar início à captura das imagens em *sites* específicos desses países.

Há ainda uma ressalva a ser feita: a seleção das imagens ocorreu *in loco*, ou seja, os perfis sociais brasileiros foram selecionados no Brasil, os moçambicanos em Moçambique e os angolanos em Angola. Esse cuidado foi necessário por ser de suma relevância o olhar de colaboradores nativos desses países a fim de que as fotografias fossem avaliadas e os perfis reconhecidos como “tipicamente nacionais”. Assim, uma vez selecionadas e impressas as fotos, houve uma série de “entrevistas piloto”, que possuíam apenas a finalidade de testar as imagens e o método – essas entrevistas, portanto, não foram computadas como integrantes do *corpus* dessa pesquisa⁹.

Conforme mencionado, a fim de compor os perfis sociais mais característicos de cada um dos países em análise, estabeleceu-se um teto de vinte fotografias. Dentro desse repertório, por um lado, alguns perfis se repetiram em todos os países, a saber: no que se refere à idade, em todas as amostras de fotografias havia uma imagem representativa de um bebê, uma criança, jovens e idosos; e, concernente à profissão, houve recorrência ao perfil da professora, do político, do policial e do vendedor ambulante. Por outro lado, algumas imagens são tipicamente representativas de determinadas sociedades. Por exemplo, é simbólica para o povo brasileiro a

⁷ Esse estudo fez parte da tese “*Brasil, Moçambique e Angola: desvendando relações sociolinguísticas pelo prisma das formas de tratamento*”, defendida em maio de 2015, na Faculdade de Ciências e Letras – UNESP (campus de Araraquara/SP).

⁸ O fato de as fotografias veiculadas na *internet* pertencerem ao domínio público dirime as dificuldades com “direitos de imagem.”

⁹ Além de as fotografias serem submetidas a essas “entrevistas piloto”, anteriormente as imagens passaram pelo crivo dos supervisores responsáveis por essa pesquisa em cada um dos países.

representação de caminhoneiros e trabalhadores da construção civil; assim como, para Moçambique, era imprescindível que houvesse a representação do condutor e cobrador de chapa¹⁰, do curandeiro e de pessoas muçulmanas e indianas. E, em seu turno, para o caso angolano, fez-se necessária a representação da quitandeira¹¹, da zungueira¹² e do ardina¹³.

Com as fotos em mãos, foi possível realizar as entrevistas com os informantes. Assim sendo, a etapa inicial de todas as entrevistas foi a aplicação do questionário socioeconômico. Na sequência, realizava-se a entrevista utilizando as imagens¹⁴. Em um primeiro momento, fornecia-se a instrução ao informante de que todas as pessoas fotografadas eram para ele desconhecidas e que as encontraria na rua, em estabelecimentos comerciais ou instituições públicas – procedimento adotado a partir das descrições metodológicas de Mundim (1981). A proposta feita aos entrevistados era que a pesquisadora indicaria, para cada imagem, uma instrução específica contendo um pedido acerca de endereço, referência acerca de uma pessoa que se está procurando, o preço de determinado produto etc. Tendo compreendido a instrução, o informante estabelecia um diálogo com a pessoa da fotografia.

Em geral, a grande maioria dos informantes compreendia prontamente a proposta da entrevista e produzia naturalmente diversas formas de tratamento. Em determinados momentos, a pesquisadora intervinha pedindo para que o informante justificasse algum uso que causasse dúvida ou propunha outra situação a fim de confirmar a estratégia de endereçamento por ele empregada.

A título ilustrativo, segue um excerto de uma entrevista a fim de se clarificar o método empregado. Trata-se de uma entrevista com uma informante moçambicana e, nesse excerto, especificamente, a fotografia em discussão é a de número quatro do conjunto moçambicano:



Figura 1. Imagem da amostra moçambicana.¹⁵

(01) *Pesquisadora (P):* (Bom, agora é assim ó: você¹⁶ tá procurando uma criança que se chama Siteo.)

Informante (I): Hum hum.

P: (E aí você vai perguntar pra ele se ele viu o Siteo, se sabe onde o Siteo tá. Entendeu? Você tá procurando o outro).

I: Tô procurando o outro. Ah, lidar com criança é muito mais difícil. Eu provavelmente havia de me encontrar com a criança e haveria de baixar. Não vou ficar assim em pé. Vou baixar...

P: (Na altura dele.)

¹⁰ "Chapa cem": transporte semi público de Moçambique. Trata-se de "vans" que realizam o transporte de passageiros. Esse tipo de transporte também foi representado ao se compor os perfis sociais de Angola. No entanto, nesse país, o nome extra-oficial que se dá a esse transporte é o de "candongueiro." Além dessa denominação, mais popularmente essas vans recebem o nome de "táxi."

¹¹ "Quitandeira": é a vendedora de frutas, vegetais, peixe seco, entre outros produtos. Elas têm por característica estarem sempre no mesmo ponto de venda nas ruas da cidade de Luanda – são sedentárias, portanto.

¹² "Zungueira": é a uma vendedora ambulante de qualquer artigo que seja possível a comercialização. Sua característica mais contundente é o seu deslocamento pelas ruas da cidade de Luanda.

¹³ "Ardina": é o vendedor ambulante de jornais.

¹⁴ É imperioso destacar que o tempo total de duração das entrevistas, considerando a aplicação do questionário sociolinguístico e a utilização das fotografias como meio de se obter as formas de tratamento, variava de vinte e cinco a setenta minutos, em função da disponibilidade e espontaneidade dos informantes. Alguns deles sentiam-se bastante motivados em responder as questões iniciais, sobretudo pela possibilidade de relatarem suas origens e pertencimento cultural.

¹⁵ Disponível em: <<http://mantenedordafe.org/blog/?p=8026>> Acesso em: 11 de fevereiro de 2013.

¹⁶ Nas falas da pesquisadora, há o uso do pronome você em função de que se optou por criar um ambiente natural de interação. Como o tu não faz parte da sua variedade, seria artificial a utilização desse pronome. Como os dados demonstram, não houve significativas interferências da fala da pesquisadora nas escolhas dos informantes.

I: Na altura dele. Olá, tudo bem? Tás bem? Olha, desculpa, não vou te incomodar, tá bom. Não vou fazer-lhe mal nenhum, não sei quê. Eu tô à procura de uma criança. Viste uma criancinha assim, assim, assim? Ah, olha, não vi. Não sei quê. Ah, assim parecida com este. Assim, bonitinho que nem tu assim. Blá blá blá. Ah, e tu, tás a fazer o quê aqui? Ah, não, não sei quê. Tens que criar um papozito, mas tem que ser sempre assim simpaticozito. Então, ah, tá bom, então. Tchau. Se tiver um docinho. Olha, tá aqui um docinho pra ti.

[risos]

I: Mas é muito mais difícil lidar com crianças.

P: (E por que você acha mais difícil?)

I: Ah, tu nunca sabes, tu.... A expressão da criança não é, não consegues ler assim tão, não é tão fácil tu saberes quando é que tu, quando é que essa pessoa não está assustada contigo. Eu acho, acho. Acho que é muito mais difícil tu conseguires chegar pra uma criança e dizeres olá e ela simplesmente, ya, se abrir. Pode simplesmente dizeres olá e fugiu.

P: (Sim, sim.)

4. Composição da amostra: escolha de informantes

A escolha dos sujeitos da pesquisa se deu a partir do estabelecimento de algumas balizas. A primeira delas centrou-se em um modelo descrito por Milroy (2007), que ficou conhecido como “amigo do amigo”. Segundo a pesquisadora, pioneiramente esse modelo foi empregado por John Gumperz, e consiste em angariar informantes a partir de uma rede de pessoas já conhecidas. A partir desses conhecidos, outros informantes – seus amigos, portanto – são convidados a fazer parte do conjunto de entrevistados, até que se atinja o montante de pessoas com as características desejadas. O propósito para esse tipo de formação de amostra se pauta no fato de que, assim, a conversação tem maiores chances de fluir de uma forma mais espontânea – haja vista que há, preliminarmente, uma relação de simpatia entre entrevistador e entrevistado. Eis a exposição dos motivos para a utilização desse modelo de cunho etnográfico, feita por Milroy (2007, p. 4), baseada em uma experiência bem sucedida de uma pesquisadora em Belfast (Irlanda do Norte):

Fundamentalmente, a unidade de estudo foi o grupo social pré-existente, ao invés de uma série de indivíduos isolados como representantes de determinadas categorias sociais. Ao ligar-se a este grupo, e abranger as suas adjacências, em interações progressivas entre os membros, ela esteve apta a obter uma grande quantidade de fala espontânea, bem como informações sociais e demográficas relevantes, e o efeito do observador sobre os dados foi diminuído. Procedimentos de trabalho de campo deste tipo têm sido amplamente utilizados, tanto em comunidades bilíngues quanto monolíngues (como descrito por Milroy et al. 1995), e problemas de acesso raramente são reportados.¹⁷

É válido ainda destacar que, a fim de empreender a sua pesquisa sobre a língua portuguesa em Moçambique, Firmino (2006) também realizou entrevistas com seus “amigos” e “amigos de amigos”, conforme ele descreve a seguir:

A pesquisa usou informantes-chave, sendo que o único critério usado para a sua selecção foi o fato de viverem em Maputo. A estratégia usada para selecionar os informantes-chave da pesquisa baseou-se na combinação da chamada ‘abordagem de rede ampla’ com a ‘amostra selectiva’ (Fetterman 1989:42-3). Alguns informantes ou eram ou tornaram-se amigos meus, ou eram amigos de amigos, com quem tinha contactos regulares em diferentes eventos sociais (FIRMINO, 2006, p. 16).

A partir dessas experiências bem sucedidas relatadas acima, no presente estudo também se optou por selecionar informantes já conhecidos, e que esses pudessem sugerir outras pessoas, a fim de compor a amostra de falantes de língua portuguesa das variedades brasileira, angolana e moçambicana. Sendo assim, a partir dos

¹⁷ “Crucially, the unit of study was the pre-existing social group, rather than a series of isolated individuals as representatives of particular social categories. By attaching herself to this group and retreating to its fringes as interactions between members progressed, she was able to obtain large amounts of spontaneous speech as well as relevant social and demographic information, and the effect of the observer on the data was lessened. Fieldwork procedures of this general type have been used extensively in both bilingual and monolingual communities (as described by Milroy et al. 1995), and problems of access are rarely reported.” Tradução nossa.

contatos iniciais estabelecidos pela própria pesquisadora, foi possível contactar outras pessoas até se atingir o número desejado de participantes.

Conforme mencionado anteriormente, a primeira baliza para a seleção de informantes foi o critério “amigo de amigo”. Além dessa, outras duas balizas também foram estabelecidas: i) os informantes necessariamente precisavam residir em diferentes zonas de cada uma das três cidades; e ii), considerando agrupamentos de duas, três, ou até quatro pessoas, precisavam ter entre si um contato familiar, a fim de que houvesse possibilidades de comparação dos usos de formas de tratamento de uma forma mais estreita. Sendo assim, acordou-se que dez famílias seriam entrevistadas em cada um dos países.

A começar pelo caso brasileiro, com o intento de compor uma amostra representativa da realidade urbana da cidade de São Paulo, foram feitas entrevistas com duas famílias de cada zona da cidade (norte, sul, leste, oeste e central), totalizando 23 pessoas. Na cidade de Maputo, Moçambique, os mesmos critérios foram seguidos. A fim de se esboçar um panorama adequado do cenário sociolinguístico da cidade, optou-se por entrevistar famílias residentes tanto na “região de cimento”, como na “região de caniço”¹⁸ (zona central e zona intermédia, respectivamente, na nomenclatura adotada por Firmino, 2006). Dessa forma, da região de cimento foram entrevistadas sete famílias e da zona de caniço três famílias, totalizando 25 pessoas.

O propósito de se entrevistar famílias angolanas, a fim de completar a amostra de falantes de língua portuguesa das três variedades em questão, não foi possível de se realizar na cidade de Luanda, em função do imbricamento de dois fatores principais: i) a cidade de Luanda conta com uma organização administrativa bastante peculiar, que a divide em diferentes “municípios” – em Angola, essa palavra não possui o mesmo valor semântico do que no Brasil –, assim sendo, a lógica de organização da cidade seguia princípios diferentes dos brasileiros; ii) houve pouco tempo para se realizar a pesquisa empírica nessa cidade – apenas dois meses. Esse tempo não foi suficiente para se conhecer adequadamente a geografia da cidade e, conseqüentemente, realizar os deslocamentos necessários.

Em função dessa situação descrita, fez-se necessária uma readequação da metodologia inicial. Assim, optou-se por realizar entrevistas (a partir dos mesmos métodos dos países anteriores: a aplicação de um questionário socioeconômico e de entrevistas utilizando fotografias) em uma única instituição (a saber, uma universidade), com diferentes pessoas que compõem o seu corpo social (alunos, professores, bibliotecários, motoristas, atendentes de lanchonete e funcionários em geral). Se, por um lado, houve a necessidade de se adequar a metodologia ao contexto encontrado – com a consequência de não ser possível entrevistar pessoas de um mesmo núcleo familiar –, por outro lado, esse rearranjo permitiu que houvesse uma amostra representativa da fala angolana e, portanto, os objetivos dessa pesquisa, de se comparar as três variedades da língua portuguesa, puderam ser levados a cabo.

É imprescindível mencionar que foram entrevistadas 25 pessoas que possuíam algum vínculo com essa instituição. Esse número foi escolhido para que pudesse equiparar-se a extensão da amostra angolana à brasileira e à moçambicana (23 e 25 informantes, respectivamente). Além disso, a escolha desses informantes angolanos representa significativamente a realidade sociocultural da cidade de Luanda – por haver participantes de diferentes extratos sociais, credos, pertencimentos étnicos, níveis de escolaridade e proveniências.

A interação com os participantes dos três países aconteceu da mesma forma: em encontros individuais (entre a pesquisadora e os entrevistados), havia uma primeira etapa que constituía em um questionário socioeconômico e uma segunda etapa que consistia na exposição de fotografias pré-selecionadas que motivavam a produção das formas de tratamento. É preciso informar que todas as entrevistas foram gravadas por meio de câmera filmadora e gravador de voz e que todo esse material foi submetido à posterior transcrição.

5. Fotografias motivando situações interlocutivas: pronomes em foco

Conforme já discutido, em comum, Brasil, Moçambique e Angola desfrutam da língua portuguesa como herança do colonialismo português. Entretanto, esse sistema linguístico é atualizado de modos particulares em função de cada um dos contextos nacionais e de suas idiossincrasias. Particularmente, essa situação é válida ao se observar os usos pronominais da língua portuguesa em suas variedades brasileira, angolana e moçambicana. Em

¹⁸ Essa região da cidade popularmente recebe esse nome em função do material utilizado na construção das casas.

termos gerais, ao se considerar apenas situações de interlocução, o sistema dispõe de pronomes pessoais que contemplam recursos pragmáticos de cortesia, intimidade, polidez, distanciamento hierárquico etc. por meio de formas como *tu*, *ocê*, *o senhor/a senhora*¹⁹, *vocês*, *os senhores/as senhoras*. Além dessas formas pronominais, ainda está disponível sistemicamente ao falante a ausência do pronome (ou forma zero), em que a marca pessoal é demonstrada pela desinência verbal.

Dentre essas múltiplas possibilidades de escolha, os participantes da composição da amostra dos três países reagiram de modos divergentes em função de fatores como o perfil social a eles apresentado por meio das fotografias, o fato de eles serem homens ou mulheres – e igualmente o gênero do perfil com quem estavam simulando o diálogo –, a sua idade, sua escolaridade, a sensibilidade que apresentavam às estratégias de cortesia e polidez, entre outros. Dessa forma, ao final da etapa das entrevistas, foi possível estabelecer um inventário das formas de tratamento pronominais – e também nominais – usadas pelos falantes de cada país. Assim sendo, no geral, há a possibilidade de se estabelecer algumas tendências no comportamento linguístico dos informantes de um mesmo país, corroborando com a assertiva de que o português brasileiro, o moçambicano e o angolano são variedades linguísticas autônomas.

A fim de se melhor organizar os dados pronominais dos sujeitos dessa pesquisa, fez-se necessário submetê-los a uma análise quantitativa por meio do Programa estatístico *GOLDVARB-X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). Esse aparato metodológico foi imprescindível enquanto instrumento de organização de dados e, consequentemente, proporcionou que os resultados fossem interpretados com uma maior clareza e precisão – ou seja, optou-se pela complementaridade das análises quantitativa e qualitativa.

Em função desse propósito, todos os enunciados produzidos pelos informantes que continham pronomes, realizados com um intento de abordar seu interlocutor (o perfil social), foram destacados do contexto mais amplo da comunicação a fim de serem quantitativamente analisados. Com um propósito ilustrativo, seguem exemplos desse tipo de construção:

- (02) Ei, fazendo favor, *cê* tem horas? (*informante brasileiro, nº 02*)²⁰
- (03) Faz favor, senhor, bom dia. O *senhor* pode me explicar onde é que é a avenida Amílcar Cabral? (*informante moçambicano, nº 10*)
- (04) Bom dia, boa tarde. Ah, se faz favor. Eu preciso tratar o meu atestado de residência. *Sabe* me dizer se é aqui que eu trato? (*informante angolano, nº 16*)

A fim de se compreender os usos pronominais de cada uma das variedades da língua portuguesa em questão – a brasileira, a moçambicana e a angolana –, optou-se por fazer cálculos estatísticos separados para cada uma das amostras. Assim sendo, o conjunto brasileiro de ocorrências pronominais contou com 265 dados, o moçambicano com 248 dados e o angolano com 235 dados.

A amostra de dados brasileira é composta basicamente por três estratégias: usos dos pronomes *ocê* e *o senhor/a senhora* e a ausência de pronome cuja marca pessoal é fornecida pela desinência verbal de terceira pessoa. No entanto, é imperioso reconhecer que a forma *tu* é uma variante amplamente encontrada em algumas cidades brasileiras²¹, mas que não apareceu na amostra, em função de que as entrevistas foram feitas em São Paulo, local em que a incidência de *tu* é muito baixa (restrita a casos de migração). A fim de se demonstrar as possibilidades pronominais encontradas na amostra brasileira, seguem alguns excertos e, em sequência, com o mesmo propósito, a tabela 2:

- (05) Ô moço, *cê* sabe me dizer onde que é a padaria tal, por favor? (*informante brasileiro, nº 21*)

¹⁹ Em consonância com autores como Castilho (2010), nesse artigo, considera-se que a forma *senhor/senhora* pode realizar-se em dois contextos linguísticos distintos: i) vocativo: “*Senhora*, por favor, pode me dar uma informação?; e ii) pronome pessoal sujeito de 2ª pessoa: “O *senhor* poderia avaliar o meu requerimento, por gentileza?”. Essa segunda possibilidade de realização, enquanto pronome pessoal, ocorre necessariamente acompanhado por artigo (*o senhor/a senhora*) e varia, em função da formalidade da interação, com as formas *ocê*, *tu* e forma zero.

²⁰ Para a necessária preservação da identidade dos informantes, eles são identificados por números.

²¹ O Rio de Janeiro é um exemplo de cidade em que a forma *tu* é recorrente, conforme informa Paredes Silva (2011).

- (06) Oi, boa tarde, com licença. É, eu tô tentando chegar no Rio de Janeiro, mas eu acho que perdi a entrada pra Dutra. O senhor poderia me indicar a direção? (*informante brasileiro, nº 19*)
- (07) Com licença, *saberia* me dizer onde que fica o lugar tal? (*informante brasileiro, nº 15*)

Ausência de pronome + desinência verbal de 3ª pessoa		você		o senhor / a senhora		total	
N	%	N	%	N	%	N	%
25	9,4	129	48,7	111	41,9	265	100

Tabela 2. Realização pronominal brasileira.

De acordo com esses índices (48,7% de *você* e 41,9% de *o senhor/a senhora*), há uma equivalência entre os usos do pronome *você*, considerado mais informal, solidário e menos hierárquico, e de *o senhor/a senhora* – que, opostamente, representa interações pautadas pela formalidade, poder, hierarquia e distanciamento²². Essa equivalência de valores se justifica pelo fato de que aos informantes foram apresentados perfis com diferentes representações sociais e, portanto, os informantes mostraram-se sensíveis a esse fator. Por sua vez, o índice para a ausência de pronome mostrou-se bem inferior (9,4%), reiterando a característica do português brasileiro de ser uma variedade pautada pelo preenchimento pronominal da posição de sujeito em decorrência de um enfraquecimento da morfologia flexional (cf. DUARTE, 1995).

O padrão de uso pronominal do português moçambicano e angolano, conforme revelado por essa amostra, diverge da brasileira, fundamentalmente, pela confluência de alguns fatores: nas duas amostras africanas, houve todas as possibilidades de realização pronominal inicialmente previstas, ou seja, no repertório linguístico de moçambicanos e angolanos há uma maior possibilidade de escolhas. São elas: *o senhor/ a senhora, tu, você*, ausência de pronome com desinência verbal de 3ª pessoa e com desinência de 2ª pessoa. Além disso, a opção linguística privilegiada por falantes desses dois países é a ausência de pronome sujeito, com marcação de pessoa pela desinência verbal. Pelo fato de que os informantes dos dois países demonstram escolhas pronominais semelhantes, a distribuição percentual das duas amostras é apresentada por meio da tabela 3, que se propõe a detalhar as escolhas pronominais de moçambicanos e angolanos:

	Ausência de pronome + desinência verbal de 3ª pessoa		Ausência de pronome + desinência verbal de 2ª pessoa		o senhor / a senhora		Você		Tu		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Moçambique	120	48,4	53	21,4	57	23	10	4	8	3,2	248	100
Angola	141	60	45	19,1	34	14,5	10	4,3	5	2,1	235	100

Tabela 3. Realização pronominal de moçambicanos e angolanos.

A comparação desses índices permite verificar que o sistema linguístico dessas duas variedades africanas é caracterizado por uma morfologia flexional mais produtiva, que leva, consequentemente, a uma menor necessidade de preenchimento do sujeito pronominal. Ainda assim, as dicotomias formal *versus* informal e poder *versus* solidariedade são representadas por meio da escolha entre ausência de pronome com desinência verbal de

²² Outros pesquisadores igualmente apontam para a tendência de diferenças pragmáticas quanto à formalidade das formas *você* e *o senhor/a senhora* no português brasileiro, tais como Ramos (2011) e Silva (2011).

3ª pessoa e *o senhor/a senhora*, de um lado, e ausência de pronome com desinência de 2ª pessoa, *tu* e *você* por outro lado²³.

Com relação à semântica do poder e da solidariedade de Brown e Gilman (1960/1972), na amostra brasileira, a forma *você* contou com 48,7% das ocorrências e *o senhor/ a senhora* com 41,9%. Dos vinte perfis apresentados, *você* foi a forma de tratamento escolhida pelos informantes para doze perfis, sendo que os perfis de número 08 e 12 (cf. figuras 2 e 3) foram os que tiveram a maior quantidade de *você* a eles dirigido.



Figuras 2 e 3. Imagens da amostra brasileira.²⁴

Esse resultado acerca do predomínio do pronome *você* para esses dois perfis brasileiros é coincidente com os resultados das formas mais solidárias para Angola e Moçambique. Assim sendo, as formas *tu*, *você* e ausência de pronome com desinência verbal de 2ª pessoa foram preferencialmente destinadas aos perfis 04 e 20 de Moçambique e aos perfis 04 e 20 de Angola, conforme indicam as figuras de 4 a 7:



Figuras 4 e 5. Imagens da amostra moçambicana.²⁵



Figuras 6 e 7. Imagens da amostra angolana.²⁶

²³ Mais especificamente acerca dos valores pragmáticos das formas *tu* e *você* nas variedades angolana e moçambicana da língua portuguesa, faz-se necessária uma ampliação desse estudo a fim de que melhor se compreenda tanto as diferenças de uso entre esses dois pronomes, quanto a amplitude pragmática de *você*. Especialmente, para o português angolano, também é preciso investigar com maior detalhamento os rearranjos morfológicos provocados na estrutura linguística. Esses são, portanto, os próximos passos dessa investigação.

²⁴ Imagem 2, disponível em: <http://www.dipity.com/tickr/Flickr_olhar/>. Acesso em: 12 de maio de 2012. Imagem 3, disponível em: <<http://iminuto.com.br/sistema/?p=1783>>. Acesso em: 14 de maio de 2012.

²⁵ Figura 4, disponível em: <<http://terrasdemozambique.wordpress.com/category/>>. Acesso em: 11 fevereiro 2013. Figura 5, disponível em: <<http://mantenedordafe.org/blog/?p=8026>>. Acesso em: 12 fevereiro 2013.

²⁶ Figura 6, disponível em: <<http://huambodigital.com/projecto-crianca-futuro>>. Acesso em: 08 junho 2013. Figura 7, disponível em: <<http://aeppea.wordpress.com/page/29/>>. Acesso em: 10 junho 2013.

A coincidência dos referentes a quem os informantes dos três países destinaram formas mais solidárias pode ser justificada pelo fato de que eles não percebiam a sua face ameaçada²⁷ ao se dirigirem a esses perfis. Essa justificativa pode ser coadunada pelos seguintes depoimentos apresentados:

- (08) Não... criança não me afasta, não.
(Não?)
Não. Ou, venha cá, menino. Deixa eu lhe perguntar uma coisa. Você conhece fulano de tal? Com as crianças eu não tenho pé atrás, não. (*informante brasileiro, nº 03*)
- (09) Ah, pra ele? Pra ele eu já chegaria bem mais tranquilamente. Numa forma natural também, né. Mas, chegaria e fala: ô garoto, por favor, onde é que tá aquele, aquele menininho pequenininho, o alemãozinho?
(Tá.)
Cê viu ele por aí? (*informante brasileiro, nº 11*)
- (10) Ya. Aí as crianças são um bocado mais sensíveis, né. E eu geralmente o que eu, o que eu faço com criança é olá, fazer uma, uma, uma gracinha, não sei quantos. Olá. Desculpa. Tô, tô à procura do Fulano de X. Conheces? Sabes onde é que ele vive? Não sei quantos. (*informante moçambicano, nº 20*)
- (11) Ah. Moça, sabes onde é que vende. Sabes. Mesmo por tu. Não tem problema. Sabes onde vende água? Agradecia e ia embora. (*informante brasileiro, nº 23*)
- (12) Então eu diria: oi, bebê. Por acaso viste o Luis? É, se ele dissesse que sim: e pra onde é que ele foi? Pras crianças eu gosto de tratar muito assim. Ya, fixe. Obrigada. Ou então: *podes* me levar até ele? É o que eu ia perguntar a ele. (*informante angolano, nº 10*)

No que se refere especificamente à semântica do poder, algumas tendências nacionais podem ser traçadas. No caso específico do Brasil, dos vinte perfis apresentados aos informantes, oito deles receberam preferencialmente o tratamento pronominal de *o senhor/a senhora*, sendo que os perfis de número 06 (89,4%), 09 (70%) e 16 (70%) foram os que favoreceram esse uso (cf. figuras 8 a 10). Uma justificativa possível para a incidência dessa forma aos perfis 06 e 09 é o fato de que o brasileiro se mostrou bastante sensível à faixa etária do perfil social, conforme revelam os depoimentos 13 a 15.



Figuras 8, 9 e 10. Imagens da amostra brasileira.²⁸

- (13) Então, eu assim, eu já, eu chegaria assim mais cautelosa. Assim, com licença, senhora, com um tom de voz mais baixo, mais calma e perguntaria pela pessoa. Dá licença, *a senhora* pode falar comigo um minutinho? Eu precisava saber se tem alguém aqui... entendeu? Eu usaria assim mais mansa por ser uma senhora. (*informante brasileiro, nº 05*)

²⁷ Penelope Brown e Stephen Levinson, em *Politeness: some universals in language usage* (1987), entendem que, quando usuários de uma língua estão em situações comunicativas, eclode um aspecto muito saliente da personalidade das pessoas: "o desejo de ser ratificado, compreendido, aprovado, ou admirado" (p.62). Quando elas sentem que esse desejo não foi atendido no curso da interlocução, percebem sua *face em ameaça*. A fim de melhor compreender essa ameaça, os autores esboçaram a teoria dos atos ameaçadores de face (FTA, em inglês: *Face Threatened Acts*). Para mais informações, cf. (BROWN; LEVINSON, 1987).

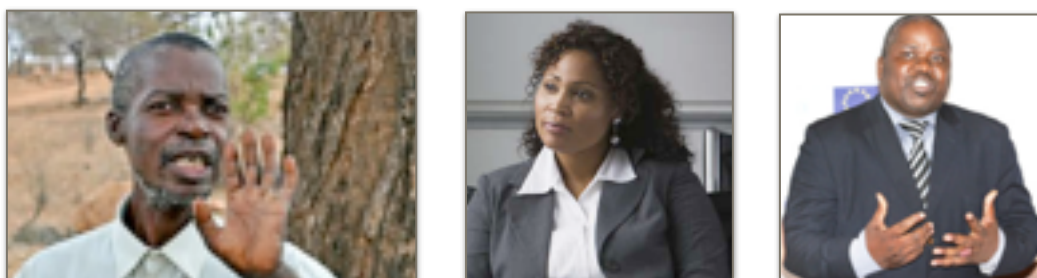
²⁸ Figura 8, disponível em: <<http://jornalsantuário.wordpress.com/tag/igreja-catolica/>>. Acesso em: 12 de maio de 2012. Figura 9, disponível em: <<http://dirceurabelo.wordpress.com/2012/03/18/poema-do-idoso/>>. Acesso em: 14 de maio de 2012. Figura 10, disponível em: <www.leiaja.com/multimedia/2011/muitos-problemas-algumas-solucoes>. Acesso em: 14 de maio de 2012.

- (14) Com licença, *a senhora* conhece tal pessoa? Não sei quê. Daria um pouquinho mais de educação por conta de ser uma senhora, falaria, né, chamaria dessa maneira. (*informante brasileiro, nº 15*)
- (15) Mesma coisa. Eu falaria: oi, tudo bem? Aí, bom, aí eu trataria como senhor, né. É uma pessoa de barba branca. O *senhor* sabe se a pessoa tal tal passou por aqui? O *senhor* conhece a pessoa tal tal tal? (*informante brasileiro, nº 07*)

Já concernente ao perfil 16, os informantes justificaram suas escolhas linguísticas em função da evidente religiosidade transmitida pelo perfil. Alguns informantes se mostraram indecisos em atribuir uma forma de tratamento nominal a esse perfil, sobretudo por não pertencerem à mesma religião. No entanto, majoritariamente demonstraram segurança com a forma pronominal *a senhora*, conforme revela o depoimento 16:

- (16) É, é da mesma forma, senhora. Eu não falaria irmã, nada. Porque eu não sei nem se é a gradação dela religiosa, mas com certeza: *a senhora* poderia me informar se conhece tal pessoa? (*informante brasileiro, nº 14*)

Por meio do *corpus* moçambicano, fica evidente que a relação de idade é também uma preocupação que permeia as escolhas pronominais dos falantes desse país. Haja vista que, avaliando independentemente o pronome *o senhor/a senhora* (responsável por 57 ocorrências, 23% do total do *corpus* moçambicano), o perfil que se destaca é justamente o de número 09, com 07 dados (12,2% dentro do universo das 57 sentenças) (cf. figura 11). Em seguida, dois perfis empatam na segunda posição entre as ocorrências desse pronome: os perfis 02 e 18 (cf. figuras 12 e 13), cada um com 10,5% das ocorrências (06 dados para cada perfil). Se o perfil 09 teve a questão da idade como justificativa para o uso de *o senhor* pelos informantes, a atribuição desse mesmo pronome aos perfis 02 e 18 é justificada pelo fato de associarem essas pessoas a um mundo burocrático e, portanto, hierarquicamente superior, conforme indicam os excertos 17 (de uma mulher de 18 anos ao perfil 09), 18, 19 (produzidos por um homem de 24 e por uma mulher de 26 anos ao perfil 02) e 20 (produzido por um homem de 67 anos):



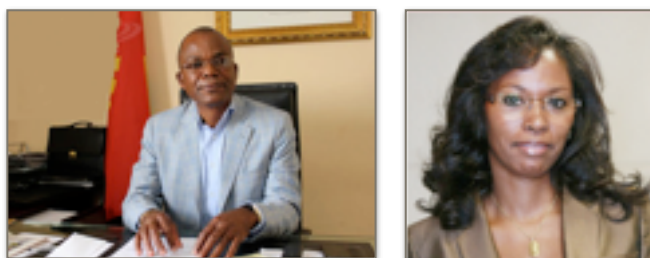
Figuras 11, 12 e 13. Imagens da amostra moçambicana.²⁹

- (17) Boa tarde, boa tarde. É, eu tô a procura de uma senhora chamada Laurinda, *o senhor* deve saber quem é, pode me dizer onde é que eu posso encontrá-la?
(Mas agora você chamou de senhor...)
Sim, foi porque já tem *uma idade um bocadinho maiores*. Já tem, já é... sim. Pode me dizer invés de podes me dizer ou *o senhor pode me dizer*, acho que fica mais bem educado. (*informante moçambicano, nº 01*)
- (18) Seria muito simples também. Como assim: bom dia, estou procurando uma farmácia aqui perto. Não sei se *a senhora* conhece uma mais próximo aqui que podia me indicar (?). Então, ia me dar a resposta a pessoa. (?) Ia indicar.
(E por que você escolheu senhora?)
Por quê? Porque não tinha nenhum *grau de intimidade* com ela. Então, com *formalidade* também, senhora seria mais conveniente. (*informante moçambicano, nº 15*)

²⁹ Figura 11, disponível em: <http://sol.sapo.pt/inicio/Internacional/Interior.aspx?content_id=64603>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2013. Figura 12, disponível em: <http://fdmmoz.org/eng_partners.php>. Acesso em: 11 de fevereiro de 2013. Figura 13, disponível em: <<http://quivismo.blogspot.com/2011/04/ha-cada-vez-mais-imigrantes-ilegais-em.html>>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2013.

- (19) Ok. Com ela, apesar dela também não parecer muito mais velha do que eu, ela tá muito bem vestida. Parece muito profissional. Parece estar num escritório. Eu já não ia lhe chamar de mana definitivamente. (*informante moçambicano, nº 04*)
- (20) Sim. Eu chegava lá e cumprimentava e depois e lhe diria: olha, eu estou preocupado. Eu gostaria de, é, de saber, é, desse, desse meu assunto aqui, porque a primeira eu fui pro guichê tal, pra mesa tal. É, não consegui (?). Não tô satisfeito com, com o resultado deste processo. E agora mandaram-me prali. E depois dali dizem-me pra, pra descer até o sétimo andar. E agora eu não sei como é que é. Será que o *senhor* estará à altura de me explicar como é que isto funciona? Por que que isto vai ser assim com tanta burocracia um assunto que eu acho que é possível de ser resolvido aqui no departamento onde o *senhor* está? Então, ali ele vai começar a me explicar. Ele vai dar os seus detalhes. (*informante brasileiro, nº 24*)

Por sua vez, o *corpus* angolano revela um padrão pragmático diferente em comparação com o brasileiro e o moçambicano no que se refere ao tratamento pronominal *o senhor/a senhora*, responsável por 14,5% das ocorrências – ou seja, das 235 sentenças consideradas na análise, 34 foram realizadas empregando o pronome em questão. No caso angolano, a questão da idade não se revelou como um fator preponderante para a recorrência desse pronome e, sim, as relações comunicativas estabelecidas com pessoas cuja profissão se dá em âmbito público e burocrático, conforme ilustrado pelos perfis 18 (07 dados no universo das 34 sentenças, 20,5%) e 02 (06 dados, 17,6%), figuras 14 e 15, e pelos excertos 21, 22, 23 e 24:



Figuras 14 e 15. Imagens da amostra angolana.³⁰

- (21) E normalmente aqui quando nós estamos a falar com pessoas assim, às vezes nós, não sei, não sei até se é certo, mas nós costumamos a dizer desculpe e não esquecer de dizer obrigado, né.
(No final.)
Pois. E normalmente: bom dia, desculpe. Desculpe o incômodo. Desculpe roubar um bocadinho de tempo. Será que é o *senhor* que trata o atestado de residência? (*informante angolano, nº 13*)
- (22) Boa tarde. É o *senhor* que trata o atestado de residência? Trataria por senhor.
(Certo.)
Por estar também num local de trabalho e por mostrar uma certa rigidez na postura. E por ter uma certa rigidez parece ser uma pessoa que gosta de ser tratada com formalidade.
(Tá.)
No local de trabalho.
(Entendi.) (*informante angolano, nº 08*)
- (23) Ok. Boa tarde, senhora.
É, desculpa o incômodo. É, gostava de poder saber, né, se a *senhora* podia me explicar onde é que eu podia encontrar isso e aquilo. (*informante angolano, nº 17*)
- (24) Boa tarde. Normalmente eu considero elas como senhoras. Olá, boa tarde. A *senhora* por acaso conhece alguma padaria por perto? É, ela indicaria-me e ao fim de tudo, ela ia de seguir e eu me despedia. Só. Acho que só. Foi também formal, muito formal. (*informante angolano, nº 10*)

Pragmaticamente, portanto, o pronome *senhor/senhora* é empregado em contextos em que não se estabelece nenhum tipo de identidade e afinidade entre os interlocutores. A esse pronome, semanticamente, estão

³⁰ Figura 14, disponível em: <http://www.portalangop.co.ao/motix/pt_pt/noticias/sociedade/2013/0/1/Administracao-prioriza>. Acesso em: 10 de junho de 2013. Figura 15, disponível em: <<http://asm.co.ao/testemunhos.html>>. Acesso em: 7 de junho de 2013.

associados valores socioeconômicos hierárquicos para os angolanos. Dessa forma, enquanto brasileiros usam preferencialmente o senhor/a senhora para pessoas com mais idade, em um indicativo de respeito, os moçambicanos associam essa forma tanto ao fator idade quanto ao distanciamento social e os angolanos são mais contundentes em entender que o uso desse pronome impõe distância e verticalidade na relação interlocutiva estabelecida.

Comentários finais

Neste estudo, as formas de tratamento foram privilegiadas enquanto objeto linguístico de análise, em decorrência de representarem um elemento do sistema linguístico que favorece diretamente a análise da correlação entre a língua e seus correspondentes sociais. A fim de se levar a cabo esta investigação, fez-se necessário entrevistar falantes brasileiros, moçambicanos e angolanos acerca de seus usos treatmentais. Com esse intento, empregou-se uma metodologia em que fotografias de perfis sociais foram utilizadas. Todos os falantes dos três países foram submetidos aos mesmos procedimentos metodológicos, compondo um *corpus* linguístico bastante homogêneo.

Como evidenciado, essa fundamentação metodológica recupera trabalhos científicos dos anos 1980, que lançam mão de fotografias para representar diversos segmentos da sociedade e servir como recurso propulsor para que diálogos fossem simulados, a fim de que o objeto linguístico em análise pudesse ser produzido.

Em suma, essa abordagem metodológica mostrou-se eficaz na medida em que ofereceu a possibilidade de se debruçar sobre as formas de tratamento das variedades brasileira, moçambicana e angolana, a partir dos mesmos critérios – portanto, estabeleceram-se amostras bastante homogêneas. Esse método de utilização das fotografias permitiu que se observasse o comportamento linguístico dos informantes para diferentes perfis sociais, tornando possível a investigação sociopragmática mais ampla dessas variedades do português contemporâneo.

No que se refere ao padrão pronominal em posição de sujeito, essas variedades do português apresentam significativas diferenças: o português do Brasil caracteriza-se por ser uma variedade que predominantemente realiza o sujeito por meio de um pronome, uma vez que a sua morfologia flexional foi paulatinamente se simplificando, ao passo que o português de Moçambique e o de Angola caracterizam-se pela ausência de pronome sujeito, com consequente marca de pessoa na desinência verbal. Dessa forma, esses dois países africanos mostram um repertório mais amplo para dirigirem-se ao interlocutor e demonstrarem estratificação de formalidade, isto é, eles empregam tanto os pronomes *tu*, *você* e *o senhor/a senhora*, quanto as desinências de segunda e de terceira pessoa – enquanto que o Brasil usa apenas os pronomes para essa distinção.

Referências bibliográficas

- ABREU, M. T. dos S.; MERCER, J. L. V. O tratamento em Curitiba: o pronome zero. *Revista Ilha do Desterro*. A Journal of English Language, Literatures in English and Cultural Studies, Florianópolis, n. 20, p. 19-30, 1988. Disponível em <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/8920>>. Acesso em: 21 mar 2012.
- BALSALOBRE, S. R. G. *Língua e sociedade nas páginas da Imprensa Negra paulista: um olhar sobre as formas de tratamento*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.
- _____. *Brasil, Moçambique e Angola: desvendando relações sociolinguísticas pelo prisma das formas de tratamento*. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Araraquara, 2015.
- BROWN, P.; LEVINSON, S. *Politeness: some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- BROWN, R.; GILMAN, A. The pronouns of power and solidarity. In: GIGLIOLI, P. P. (Ed.) *Language and social context: selected readings*. England: Penguin Books, 1972 [1960].
- CASTILHO, A. T. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- COUTO, L. R.; LOPES, C. R. S. *As Formas de Tratamento em Português e em Espanhol: variação, mudança e funções conversacionais*. Niterói: Editora da UFF, 2011.
- DIAS, H. *As desigualdades sociolinguísticas e o fracasso escolar: em direção a uma prática linguístico-escolar libertadora*. Maputo: Promédia, 2002.

- DUARTE, M. E. L. *A perda do princípio "evite pronome" no português brasileiro*. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.
- FIRMINO, G. *A questão linguística na África pós-colonial: o caso do português e das línguas autóctones em Moçambique*. Maputo: Texto editores, 2006.
- FONSECA, D. J. *Nas marolas do Atlântico: interpretações de Angola, da África, do Brasil e de Portugal*. Relatório Científico de Pós-Doutorado apresentado ao Departamento de Ciências Sociais na Educação da Faculdade de Educação da Universidade de Campinas, Campinas, 2009.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo demográfico 2010. *Resultados gerais da amostra*. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000008473104122012315727483985.pdf>>. Acesso em: 01 de abril de 2014.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. *III Recenseamento geral da população e habitação 2007: indicadores sócio-demográficos: Resultados definitivos – Maputo Cidade*. Maputo, 2010.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. *Inquérito Integrado sobre o Bem-estar da população (IBEP)*. Relatório de tabelas. Vol. II. Luanda, 2011.
- LOPES, C. R. S. Correlações histórico-sociais e linguístico-discursivas das formas de tratamento em textos escritos no Brasil – séculos XVIII e XIX. In: _____. et al. (Orgs.) *Sincronía y diacronía de tradiciones discursivas en Latinoamérica*. Frankfurt: Vervuert, 2006.
- _____. Sobre a norma e tratamento em cartas a Rui Barbosa. In: AGUILERA, V. (Org.) *Para a história do português brasileiro*. Londrina: Eduel, 2009. vol. 7, p. 45-92.
- _____; DUARTE, M. E. L. De "Vossa Mercê" a "Você": análise da pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas. In: BRANDÃO, S. F.; MOTA, M. A. (Orgs.) *Análise contrastiva de variedades do português: primeiros estudos*. Rio de Janeiro: In-Fólio, 2003.
- _____; MACHADO, A. Tradição e inovação: indícios do sincretismo entre a segunda e a terceira pessoas nas cartas dos avós. In: _____. (Org.) *A norma brasileira em construção: fatos linguísticos em cartas pessoais do século 19*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.
- MARCOTULIO, L. L. *Língua e História: o 2º marquês de Lavradio e as estratégias linguísticas no Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: Itaca, 2010.
- MILROY, L. Social Networks. In: CHAMBERS, J.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (Eds.). *The handbook of language variation and change*. Blackwell Publishing, 2007. Disponível em: <http://bu-169.bu.amu.edu.pl/han/BlackwellReferenceOnline/www.b...iber/uid=819/tocnode?id=g9781405116923_chunk_g978140511692330>. Acesso em: 12 de maio de 2012.
- MUNDIM, S. S. M. *Formas de tratamento e vocativos no Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.
- NETO, M. G. *Aproximação linguística e experiência comunicacional: o caso da escola de formação Garcia Neto*. Luanda: Editora Mayamba, 2012.
- PAREDES SILVA, V. L. Notícias recentes da presença do pronome tu no quadro de pronomes do português falado no Rio de Janeiro. In: COUTO, Letícia Rebollo; LOPES, Célia R. dos Santos. *As formas de tratamento em português e em espanhol: variação, mudança e funções conversacionais*. Niterói: UFF, 2011. p. 245-262.
- SANKOFF, D., TAGLIAMONTE, S. A., SMITH E. *Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows*. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.
- SAVEDRA, M. M. G. Estudos e pesquisa em sociolinguística no contexto plurilíngue do Brasil. *Revista da Anpoll*, vol. 1. n. 29, p. 219-234, 2010.
- SILVA, G. M. de O. e. *Aspectos sociolinguísticos dos pronomes de tratamento em português e francês*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1974.